

TEORIAS E PRÁTICAS DA LEITURA

Prof. Thiago Mio Salla

Introdução panorâmica ao tema: teoria e prática

Parte 2

Epígrafes

Encorajo meus estudantes a lerem em voz alta, a irem a um lugar onde possam ficar sozinhos e ler em voz alta.

Ler de verdade, ler Shakespeare (1564-1616) [...] ou algum escritor difícil, é um processo extremamente ativo no qual você tem de lutar com todas as suas faculdades, mesmo se não puder compreender tudo, para tirar mais daquilo.

Já com as tecnologias visuais, mesmo que exista algo como olhar de forma reativa (não que eu saiba muito sobre isso, não sou guiado pelo visual, sou orientado puramente pelo verbal), com o visual é muito fácil relaxar e ser passivo. Você não pode ler passivamente.

BLOON, Harold. “'Não existe leitor passivo', diz crítico literário Harold Bloom”. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 15 abr. 2014.

Epígrafes

Falar de uma obra de arte não é falar apenas dela, mas também dos sentidos que se agregaram a ela ao longo de sua existência como objeto de cultura.

TEXEIRA, Ivan. “A Poesia Aguda do Engenhoso Fidalgo Manuel Botelho de Oliveira”. In: OLIVEIRA, Manuel Botelho. *Música do Parnaso*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2005, p. 12.

Definições de leitura – Item 3

Leitura – Apreensão e Compreensão

Budismo Moderno

Tome, Dr., esta tesoura, e... corte
Minha singularíssima pessoa.
Que importa a mim que a bicharia roa
Todo o meu coração, depois da morte?!

Ah! Um urubu pousou na minha sorte!
Também, das diatomáceas da lagoa
A criptógama cápsula se esbroa
Ao contato de bronca destra forte!



Definições de leitura – Item 3

Dissolva-se, portanto, minha vida
Iguamente a uma célula caída
Na aberração de um óvulo infecundo;

Mas o agregado abstrato das saudades
Fique batendo nas perpétuas grades
Do último verso que eu fizer no mundo!

(ANJOS, Augusto. *Eu: Outras Poesias –
Poemas Esquecidos*. 31 ed. Rio de Janeiro:
Livraria São José, 1971, p. 84)

Definições de leitura – Item 3

Assunto de “O Budismo Moderno”

O eu lírico pede a um médico para que este o mate, sem se importar com as consequências de tal gesto que poria fim a sua existência.

Julgando-se desafortunado, este eu-lírico vislumbra o mundo como um mar de sofrimento que aniquilaria não só a ele, mas a todos os seres (até mesmo minúsculas algas unicelulares). Segundo ele, qualquer tipo resistência não surtiria efeito ante a fatalidade agourenta da vida.

Desse modo, reivindica a dissolução de sua existência corporal, bem como a esterilidade e a interdição de seu renascimento, como se atingisse o nirvana, o qual, por sua vez, pressupõe a iluminação e o término do ato de renascer.

Definições de leitura – Item 3

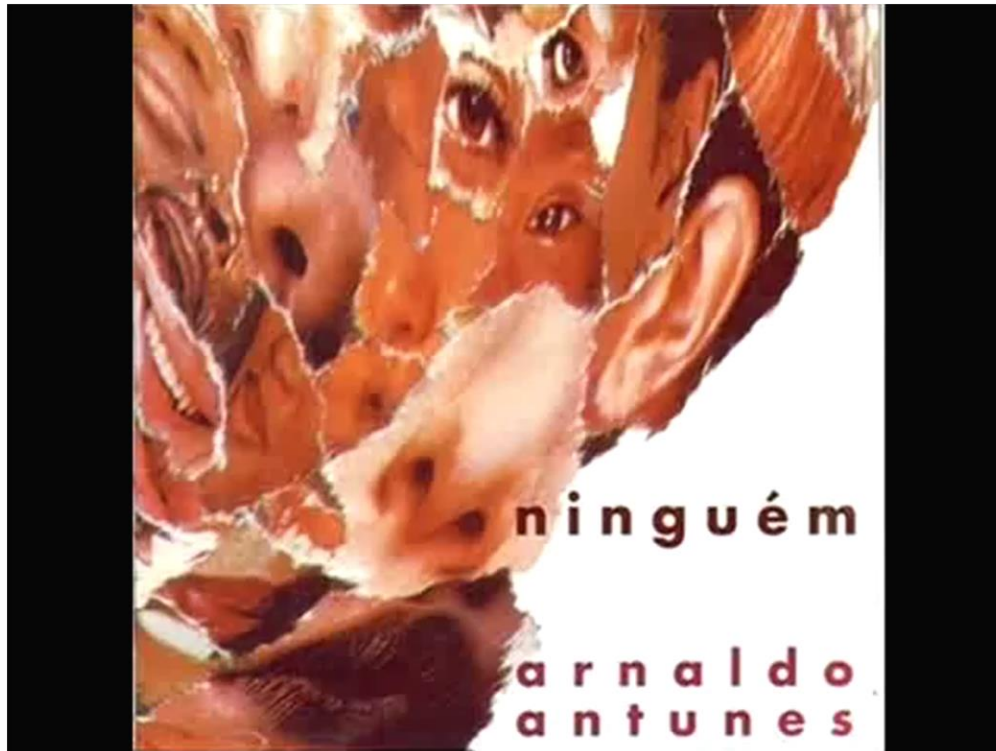
Por mais que tenha se dissolvido fisicamente, o eu lírico ainda mantém aceso o sofrimento, apresentado como “agregado da saudade”, que ainda o aprisionaria no mundo e seria o motor de sua poesia.

Tema de “O Budismo Moderno”

Nem o fim da existência do poeta colocaria término ao sofrimento materializado em sua poesia.

Definições de leitura – Item 3

Arnaldo Antunes, ex-integrante do grupo Titãs, musicou o poema “Budismo Moderno”, que se encontra no disco *Ninguém*, de 1995:



Ver:
<https://youtu.be/2QdcLPE9aB0>

Definições de leitura – Item 4

4) Diferenciação entre comunicação oral (pistas contextuais; linguagem gestual) e escrita (maior dependência do código verbal). “Apesar de a leitura e a escrita estarem plenamente relacionadas, a leitura é, na verdade, a antítese da escrita. Cada uma ativa regiões distintas do cérebro. A escrita é uma habilidade; a leitura, uma aptidão. A escrita originou-se de uma elaboração; a leitura desenvolveu-se com a compreensão mais profunda pela humanidade dos recursos latentes da palavra escrita. A história da escrita foi marcada por uma série de influências e refinamentos, ao passo que a história da leitura envolveu estágios sucessivos de amadurecimento social. Escrita é expressão; leitura é impressão. (...) A escrita prioriza o som, uma vez que a palavra falada deve ser transformada ou desmembrada em sinais representativos. A leitura, no entanto, prioriza o significado” (FISCHER, Steven Roger. História da Leitura. São Paulo: Editora Unesp, 2006, pp. 8-9).

Definições de leitura – Item 5 e 6

5) Itens que interferem no processamento do material lido: o grau de novidade do texto; o local do texto; o objetivo da leitura; a motivação para a leitura.

6) Recepção enquanto um processo ativo da parte do leitor, que simula o ato da produção do texto (ao ler nos imaginamos como autores do texto que está sendo lido com o fito de recapitular as estratégias do autor e através delas chegar a seus objetivos).

Definições de leitura – Item 7

7) Recomendação de que se deve efetuar a leitura em voz alta, pois o ato conferiria perspectiva ao argumento, tornaria mais evidente a estrutura do texto e focaria a atenção nos lugares corretos.

Advertência: “Contudo, não devemos esquecer que tal estratégia pode apresentar-se como um grande obstáculo. (...) O olho é um agente mais neutro do que a voz. Ou, dito de forma mais justa, a voz, no caso de alguma falha, pode facilmente adicionar um traje muito persuasivo ou deturpação de ritmo e entonação para apoiar a má interpretação. (...) Quando outras pessoas leem um texto para nós, muitas vezes pensamos: “Então, o modo como você lê o texto revela que você não entendeu o que ele diz”. Devemos mais frequentemente dizer a mesma coisa para nós mesmos. (RICHARDS, I. A. *How to read a page*. Boston: Beacon press, 1959, p. 10).

Definições de leitura – Item 8

8) O segredo dos textos; a ideia de que cada texto tem um tesouro escondido inacessível à maioria dos mortais. A leitura se mostra sobredeterminada por relações de força. Pessoas privilegiadas se colocam no lugar de verdadeiras e únicas intérpretes. Apenas elas poderiam cruzar a fronteira entre texto e leitura, acabando por construir uma literalidade ortodoxa que condenaria as demais interpretações como esforços heréticos (CERTEAU, Michel de. *op. cit.*, p. 243). “... o sentido ‘literal’ é o sinal e o efeito de um poder social, o de uma elite. Oferecendo-se a leitura plural, o texto se torna uma arma cultural, uma reserva de caça, o pretexto de uma lei que legitima, como ‘literal’, a interpretação de profissionais e de clérigos socialmente autorizados” (*Idem, ibidem*).

Definições de leitura – Item 9

9) Leitura enquanto ubiquidade – “ler é estar alhures, onde não se está, em outro mundo”, afirmação de Teresa d’Ávila (a leitura enquanto oração, enquanto um outro espaço onde articular o desejo).

“Os leitores são viajantes; circulam nas terras alheias, nômades caçando por conta própria através dos campos que não escreveram, arrebatando os bens do Egito para usufruí-los (...) seu lugar não é *aqui* ou *lá*, um ou outro, mas nem um nem outro, simultaneamente dentro e fora, perdendo tanto um quanto outro, misturando-os, associando textos adormecidos, mas que ele desperta e habita, não sendo nunca o seu proprietário”. (CERTEAU, Michel de. *op. cit.*, pp. 245-246).